

O GLOBO

Fundador: IRINEU MARINHO

RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 2 DE JUNHO DE 1999 – ANO LXXIV – Nº 24.017

Presidente: ROBERTO MARINHO

Desemprego tem ligeira queda em abril para 8,02%

• A taxa de desemprego de abril foi de 8,02%, abaixo dos 8,16% de março, segundo o IBGE. Apesar de ter sido o pior abril já apurado pela Pesquisa Mensal de Emprego, economistas dizem que o índice não vai alcançar dois dígitos, como se previa após a desvalorização. "Diante dos choques que a economia brasileira enfrentou, não ter desemprego de dois dígitos neste período do ano é um fato a ser comemorado", disse Marcelo Neri, do Ipea.

Página 21

ECONOMIA

Desemprego recua, renda também

taxa de desocupação em abril caiu para 8,02%. Perda de rendimento no 1º trimestre foi de 4,77%

Flávia Oliveira
RIO e SÃO PAULO

As previsões eram as piores possíveis, mas assim como aconteceu com a inflação e o Produto Interno Bruto (PIB), os resultados do desemprego estão surpreendentes para especialistas. O IBGE informou em maio que a taxa de desemprego em abril foi de 8,02%, pouco abaixo dos 8,20% registrados em março. Não há indícios de que a taxa alcançará os dois dígitos este ano, como apontavam as previsões feitas após a desvalorização cambial. Porém, a queda em abril não foi suficiente para reverter a tendência de queda expressiva, de 2,02%, no número de pessoas em busca de trabalho. Apesar do recuo da taxa, ela foi a mais alta apurada pelo Instituto num mês em abril. O primeiro quadrimestre de 1999 termina com taxa média de 7,8%, ou seja, igual aos 7,7% do mesmo período do ano passado.

A taxa continua muito alta. Mas os efeitos dos choques da crise da Rússia e da desvalorização cambial, termos de desemprego de um dígito é um fato a ser memorado — afirma o economista Marcelo Reher, do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea).

A queda dos empregados da construção civil caiu 8,83% no primeiro trimestre. O ajuste mais forte sobre o mercado de trabalho no início de 1999 foi mesmo a redução na renda real dos ocupados. No primeiro trimestre do ano, houve uma perda real de 4,77% no rendimento médio dos que trabalham. No setor de construção civil, a queda chegou a 8,83%. No Rio, que continua com a mais alta taxa de desemprego do país (5,79% em abril), a queda real na remuneração foi de 3,55%. Somente os empregados em carteira assinada tiveram ganho: 3% acima da inflação. A renda média mensal em seis maiores áreas urbanas do país caiu R\$ 677,90.

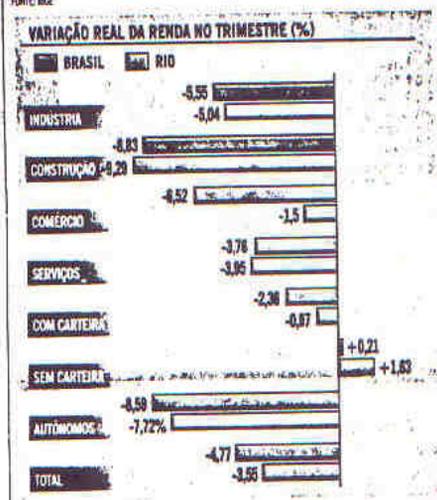
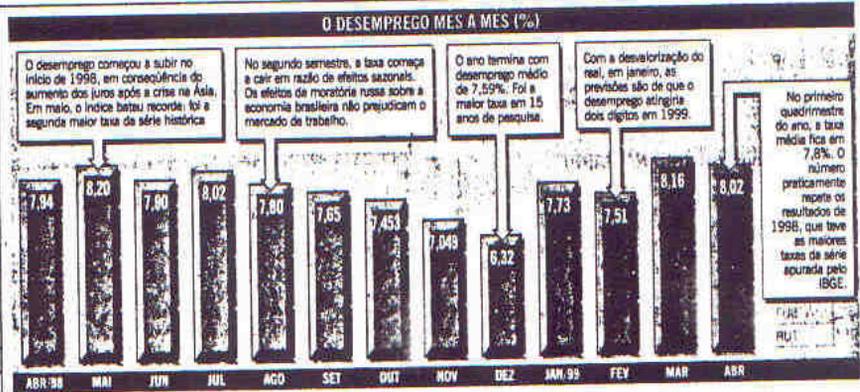
A queda na renda segura e o aumento do desemprego. Mas talvez seja pior para o mercado, porque prejudica todos os segmentos — analisa o economista Gustavo Gonzaga, diretor do Departamento de Economia da PUC-Rio, e prevê taxa de desemprego entre 7% e 8% durante todo o ano.

O rendimento médio dos ocupados no país é de R\$ 677,90 por mês.

A chefe da Divisão de Pesquisa Mensal do Departamento de Emprego e Rendimento do IBGE, Marilene Silva Mansol, confirma a tendência de queda na renda. O IBGE também trabalha com a tendência de queda do desemprego no segundo semestre. De início, em consequência do aumento da produção na indústria. Mais para o fim do ano, nos setores de comércio e serviços, devido às vendas para o Natal. Os economistas Márcio Pochman, da Unicamp, e Sérgio Mendonça, do Dieese, também esperam queda da taxa a partir de julho.

Desempregado há seis anos em São Paulo, o faturista Sérgio Mancuso, 35 anos, torce para que as previsões se tornem realidade. Com um filho de 12 anos, chegou a voltar para a casa dos pais, em Catanduva (interior paulista), mas também não conseguiu trabalho.

ELABOROU Sueli Campo, da Agência GLOBO



DESEMPREGADO NÁ SEIS ANOS

Depois de ter sido demitido de uma empresa transportadora no ABC paulista, o faturista Sérgio Douglas Mancuso, 35 anos, torce para que as previsões de redução de desemprego se tornem realidade. Com um filho de 12 anos, Mancuso chegou a voltar para Catanduva (no interior de São Paulo), onde moram seus pais, mas também não conseguiu trabalho.

— Aceito qualquer trabalho desde que ofereça condições dignas — afirma.

- DEZ FATORES QUE GERAM EMPREGOS**
- Crescimento econômico
 - Inflação sob controle
 - Equilíbrio das contas públicas
 - Sistemas públicos de emprego
 - Investimento em educação
 - Progresso tecnológico
 - Políticas setoriais
 - Livre negociação entre patrões e empregados
 - Flexibilização de contratos e jornada de trabalho
 - Redução de encargos sobre folha de pagamento

Inadimplência cai e consumidor quita dívidas

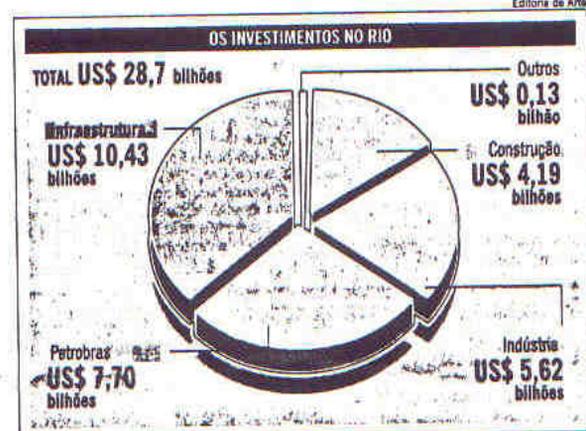
Marcelo Reher

Em SÃO PAULO, maio foi o mês de colocar as dívidas em ordem. No mês passado, 256.040 paulistanos conseguiram limpar seu nome da lista negra de mau pagadores do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC). Foi o segundo maior volume de renegociação de cartões em atraso registrado pela Associação Comercial de São Paulo desde o início da pesquisa (em 1963) — inferior apenas ao de dezembro do ano passado, quando 309.351 dívidas foram renegociadas na capital. Em maio, o número de consumidores que se reabilitaram a comprar a crédito cresceu 12,2% em relação ao mês anterior. Na comparação com igual período de 1998, o crescimento foi de 1%. Segundo o presidente da Associação Comercial, Alencar Burti, esses números já relembram a queda dos juros e a inflação menor.

— O recuo dos juros facilitou a renegociação de dívidas. Os lojistas têm estado bastante receptivos a propostas de alongamento de prazos e redução de juros embutidos nos cartões. Além de reabilitar o consumidor a comprar pelo crediário, eles ainda recuperam o dinheiro das vendas — diz Burti, acrescentando que a tendência para os próximos meses é de renegociação de dívidas em alta. Ao mesmo tempo, a inadimplência do consumidor nas vendas a prazo caiu 6% no mês passado em relação a abril.

Rio terá investimentos de US\$ 28 bi até 2001

Setor industrial, que receberá US\$ 5,62 bilhões, deve gerar 25.921 novos empregos no triênio



André Moraes

• O Estado do Rio vai receber até 2001 um total de US\$ 28,07 bilhões em investimentos, sendo US\$ 10,43 bilhões no setor de infra-estrutura e US\$ 5,62 bilhões nas industriais, que vão gerar 25.921 novas vagas no período. A previsão faz parte do documento "Decisão Rio 1999/2001", divulgado ontem pela Federação das Industriais do Rio de Janeiro (Firjan) e pelo Governo estadual, que traça para o triênio um quadro dos investimentos previstos no Estado.

— É importante ver que a maior parte desses investimentos será voltada para a infra-estrutura. Um estado não pode ser competitivo se não tiver investimentos relevantes nesse setor. Por isso, o Rio está na direção correta. Ao mesmo tempo temos a consolidação do setor industrial, criando novos empregos — disse Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, presidente da Firjan.

O governador do Rio destacou no levantamento a tendência de descentralização do setor industrial no estado.

— Dos US\$ 5,62 bilhões que serão investidos na indústria, o município do Rio vai receber apenas 8,95%. Isso prova que o desenvolvimento está acontecendo em outras regiões do estado, como o Sul Fluminense, que vai receber 51,44% dos investimentos, e a Baixada, que responderá por 25,27% dos investimentos — disse Garotinho.

Construção civil e petróleo também receberão investimentos

De acordo com o documento, o restante dos investimentos no estado acontecerá nas áreas da construção civil (US\$ 4,19 bilhões) e na exploração de petróleo (US\$ 7,70 bilhões). No setor de infra-estrutura, as áreas que receberão maiores investimentos serão as de energia (31,15%), telecomunicações (34,72%) e transportes (24,97%).